

Entre discussões acres, a reitoria da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) pediu aos alunos a apresentação de fiador para a renovação das matrículas. O reitor, padre Theodore Peters, S.J., mesmo ressaltando que o pedido era "apenas uma formalidade", alguns dias depois do comunicado retirou a exigência — a medida prejudicaria estudantes que não moram no Recife e teriam grandes dificuldades em encontrar avalista para o compromisso e outros que fazem matrícula por procuração e não estavam dela cientes. A decisão não foi tomada em desrespeito aos alunos. Seus fundamentos estão mais no instinto de sobrevivência, numa época de inflação desenfreada, do que em qualquer espírito de acumulação.

O que sucedeu na Unicap merece reflexão e prova que a inflação deteriorou a tal ponto as relações sociais

que uma instituição de ensino superior se viu obrigada a cogitar de um recurso estranho de "seguro" para enfrentar a crise.

A despesa mensal da Unicap com professores e funcionários chega a US\$ 1 milhão (11 mil alunos) e se busca o tão decantado equilíbrio orçamentário. O reitor foi direto ao ponto: "Precisamos nos resguardar dos alunos que não pagam". Precisava acrescentar: não pagam não pelo desejo de dar calote, mas porque dia a dia aumenta o número dos que não têm como atender ao compromisso assumido.

Quem se envolve com educação precisa ressarcir os custos de um empreendimento que tem característica especial: é também um projeto pedagógico. Não falamos dos que valorizam a primeira parte da sentença — o empreendimento —, mas dos capazes de, numa época de dete-

rioração de valores, pensar ainda em transmissão de conhecimento. Esses não vêm no ensino apenas um investimento de rentabilidade imediata. Nem por isso, no entanto, podem descurar de sua sobrevivência econômica. Ninguém está obrigado a falir, só porque aplicou seu capital em educação. Há os que não conseguem realizar seu desiderato de ensinar, também há quem suponha que o desejo dos pais de educar os filhos os levará a pagar o que lhes for

pedido, correto ou não. Interessamos, no caso Unicap, os primeiros.

Eles se lançaram à tarefa de educar e enfrentam agora uma inflação que subverte as regras conhecidas da economia e da administração e

deveriam merecer a atenção das autoridades de todos os níveis. Não podem ser tratados como meros mercadores da educação, como o Executivo federal parece considerar todos os que abriram escolas particulares.

Não é fácil a solução do problema, mas é preciso enfrentá-lo, para evitar que um dia, de fato, a exigência do avalista para matrícula na escola privada seja indispensável.

Fala-se muito que a educação é prioridade, mas pouco se faz para atender' ao

reclamo dos que querem estudar, ou dar condições para que o ensino privado possa, na realidade e não no discurso, ser um complemento do ensino público tão esquecido e maltratado pelas autoridades.

O que sucedeu no Recife é apenas um alerta para os que de fato estão preocupados com a educação